

**PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL:
FERNANDO CHACEL E O CONCEITO DE ECOGÊNESE**

MIRIAN MENDONÇA DE CAMPOS CURADO

FORMAÇÃO:

GRADUAÇÃO: ARQUITETURA E URBANISMO, UCG (Universidade Católica de Goiás), 2000.

ESPECIALIZAÇÃO: HISTÓRIA DA ARTE E DA ARQUITETURA NO BRASIL, PUC-RIO, 2003.

MESTRADO: URBANISMO, PROURB/UFRJ, 2006.

FILIAÇÃO:

CARLOS HERCÍLIO DE CAMPOS CURADO

SÔNIA LUIZA DE MENDONÇA

ENDEREÇO:

RUA PROFESSOR LUIZ CANTANHEDE, 62/302 LARANJEIRAS

RIO DE JANEIRO/RJ – CEP 22245-040

TELEFONES: (21) 3734-8389 | 8133-0185

FAX: (21) 2275-0035

arg.mmcc@gmail.com

PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL: FERNANDO CHACEL E O CONCEITO DE ECOGÊNESE

RESUMO

O paisagismo do século XXI tem apresentado forte tendência a atuar em consonância com os aspectos ambientais, seja pela força de uma legislação cada vez mais atuante e determinante de diretrizes, seja pela conscientização da população em geral. Um dos maiores destaques do paisagismo contemporâneo no Brasil é Fernando Chacel, que em mais de cinquenta anos de atuação profissional tem trabalhado na restauração de ecossistemas degradados. A base de sua metodologia é a ecogênese, onde se realiza a reconstituição dos aspectos edafo-ambientais originais, por meio de trabalho em equipe interdisciplinar que envolve profissionais de diversas áreas ligadas ao meio ambiente. Suas maiores influências foram o paisagista Burle Marx e o botânico Luiz Emygdio, com os quais dividiu experiências profissionais que o levaram a definir sua linha projetual. Para analisar as principais características de seu trabalho faremos o estudo de caso dos projetos de três parques na cidade do Rio de Janeiro: Parque da Gleba E, Parque Mello Barreto e Parque do Penhasco Dois Irmãos, onde se realizaram importantes processos de recuperação da vegetação nativa.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagismo, Fernando Chacel, ecogênese, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Landscaping in the XXI century has presented a strong tendency to act in harmony with environmental aspects, either to pass legislation that is both more operational and determinative of lines of direction, or to raise awareness in the population in general. One of the biggest prominences of contemporary lanscape in Brazil it is Fernando Chacel, who in more than fifty years of professional performance has worked in the restoration of degraded ecosystems. The base of his methodology is ecogenesis, which reconstitutes the original edaphic-environmental aspects, working with interdisciplinar groups that involve professionals from different areas of environmental sciences. His majorr influences had been landscapist Burle Marx and botanist Luiz Emygdio, with whom he shared professional experiences that led him to define his project line. To analyze the main characteristics of his work we will study the case of the projects of three parks in the city of Rio de Janeiro: Gleba E Park, Mello Barreto Park and Penhasco Dois Irmãos Park (Twin Brothers Cliffs), where important processes of recovery of the native vegetation has been done.

KEY-WORDS: Landscape, Fernando Chacel, ecogenesis, Rio de Janeiro.

PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL: FERNANDO CHACEL E O CONCEITO DE ECOGÊNESE

APRESENTAÇÃO

As paisagens que se descortinam nas cidades contemporâneas revelam ambientes totalmente configurados pela ação humana, onde as formas de construção e a conseqüente intervenção sobre a paisagem vão-se modificando ao longo do tempo e da História. O avanço da urbanização faz com que os ambientes construídos predominem sobre os ambientes naturais, acarretando desequilíbrios no ecossistema urbano; daí a importância de se preservar áreas verdes, assegurando-se a boa qualidade de vida assim como a conservação da biodiversidade¹.

Um exame da história brasileira nos revela que as ações predatórias do meio ambiente encontram respaldo nas antigas tradições coloniais de exploração dos recursos naturais. A cidade contemporânea brasileira tem apresentado urbanização acelerada, crescendo ao ritmo de progressões geométricas, onde a preocupação em diminuir, ou abater, o impacto no meio ambiente nem sempre é uma premissa. Felizmente a legislação ambiental tem marcado presença cada vez mais forte nas decisões de impacto urbanístico e ambiental.

Realizamos esta pesquisa no sentido de investigar ações que tenham como objetivo restaurar ecossistemas degradados dentro da malha urbana. Com este olhar nos deparamos com a obra de Fernando Chacel, arquiteto paisagista carioca que desenvolve trabalhos de paisagismo com base na metodologia da ecogênese, em várias partes do país. Nosso principal objetivo é demonstrar de que forma a paisagem restaurada através do método da ecogênese constitui-se em forte indicativo de propostas para uma reintegração entre cidade e natureza, ou seja, entre espaços edificados e não edificados dentro da malha urbana. Vamos analisar como o trabalho desenvolvido por Chacel evidencia a possibilidade de se estabelecer esse diálogo: a urbanização e o desenvolvimento econômico e tecnológico podem acontecer sem que para isso seja necessário destruir ou esgotar os recursos naturais. Esta é a filosofia da ecogênese.

ECOGÊNESE

A ecogênese é a reconstituição de ecossistemas parcialmente ou totalmente degradados, valendo-se de uma re-interpretação do ecossistema através do replantio de espécies vegetais autóctones, em um trabalho de equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais de botânica, biologia, zoologia, geografia, entre outros, além do arquiteto paisagista. A ecogênese prima pela reconstrução de paisagens que já sofreram profundas modificações em sua estrutura, valendo-se

¹ SANTOS, 2003.

de elementos vegetais autóctones, provenientes de todos os estratos, recompondo suas associações originais.

No Rio de Janeiro, a primeira iniciativa no sentido de recuperação da vegetação nativa data da segunda metade do século XIX. A agricultura cafeeira dominava a economia e avançava sobre os terrenos, assim florestas inteiras foram dizimadas comprometendo os mananciais hídricos que abasteciam a cidade. Uma das medidas para recuperá-los foi o reflorestamento da Floresta da Tijuca, com espécies trazidas de matas adjacentes. O responsável pelo replantio foi o Major Archer², iniciando o trabalho em 1861. O paisagista Auguste Marie François Glaziou (1833-1906) foi um dos encarregados desta empreitada, responsável pelo uso pioneiro de espécies nativas na arborização de praças e parques no Rio de Janeiro. De acordo com o autor, alguns reflorestamentos foram realizados na mesma cidade por órgãos públicos, ao longo do século XX e, embora tenham sido ações isoladas e descontinuadas, originaram pequenos trechos de matas secundarizadas que ainda hoje persistem.

O paisagismo do século XX traz a figura de Roberto Burle Marx (1914-1994) que, seguindo a filosofia de Glaziou, desponta como o grande paisagista dos jardins tropicais, fazendo amplo uso da vegetação nativa até então desconhecida do grande público brasileiro; foi ele um dos precursores da ecogênese.

A palavra ecogênese, proveniente da botânica, é um neologismo, isto é, um nome novo para uma antiga idéia. Esse termo tem sido, com freqüência, associado ao nome de Fernando Chacel, pois é ele quem mais utiliza a palavra ecogênese em seu discurso projetual. O termo foi cunhado por Luiz Emygdio de Mello Filho (1913-2002), e surgiu com base em pesquisas desenvolvidas em parceria com biólogos e botânicos do Museu Nacional, no Rio de Janeiro da década de 1940.

Mas antes de conhecer Luiz Emygdio, o botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto (1892-1962) já preconizava várias das iniciativas do método de reconstituição ecogenética – embora não utilizasse a palavra – procurando sempre entender como se apresentam na natureza as inter-relações entre as diversas espécies vegetais, tendo em mente a idéia das associações ecológicas, dentro da fitossociologia, no intuito de reproduzir, ou imitar, o ecossistema primitivo e resgatar a ambiência natural original.

À mesma época, Burle Marx já utilizava espécies nativas em suas paisagens, mas é a partir do encontro com Mello Barreto que aprofundou seus conhecimentos acerca das associações vegetais e passou a realizar excursões para coleta de espécies nativas em diversos locais do Brasil.

Entre 1942 e 1945, Mello Barreto e Burle Marx desenvolveram projetos de paisagismo para a Pampulha e para o Parque do Barreiro de Araxá, em Minas Gerais, baseando-se principalmente

² SANTOS, 2003.

nas características fitogeográficas do cerrado³. Em Araxá o conceito de ecogênese foi parcialmente implantado: segundo Chacel⁴, esse parque seria uma espécie de mostruário da paisagem brasileira, com espécies e associações do cerrado, da caatinga, da Amazônia, “formando ambientes paisagísticos exatamente como eles aparecem na natureza”. No entanto, o Parque do Barreiro de Araxá tornou-se economicamente inviável, pois fazia parte do complexo hoteleiro financiado pela verba dos cassinos, que foram proibidos. Outros projetos foram desenvolvidos por Burle Marx e Mello Barreto, juntamente com biólogos, seguindo essa mesma tendência, como as propostas para o Grupo Biológico das Lagoas, na região dos lagos do antigo Distrito Federal, atual Estado do Rio de Janeiro. Nesta proposta, datada de 1949, a finalidade era representar associações naturais de animais e plantas⁵ mas, segundo Chacel, não foi executado por falta da pressão de uma legislação ambiental efetiva.

Alguns anos mais tarde, Fernando Chacel estabeleceu contato com Burle Marx e Luiz Emygdio, absorvendo influências que foram decisivas na definição de sua carreira e metodologia projetual.

FERNANDO CHACEL

Fernando Magalhães Chacel nasceu em 5 de abril de 1931, no Rio de Janeiro. Até definir-se como arquiteto-paisagista, trilhou caminhos profissionais sempre inclinado ao mundo das artes. Ele próprio se define como “alguém que age e trabalha com base na sensibilidade e intuição”. Em 1948 ingressou para a Escola Nacional de Belas Artes, depois se transferindo para o curso de Arquitetura. Nesta época, tocava acordeão nas noites cariocas. Em dado momento Chacel viu-se dividido entre a arquitetura e a música, até o dia em que, em 1952, conheceu Burle Marx e trabalhou de estagiário em seu atelier. Este contato foi decisivo na carreira de Chacel, quando resolveu ser arquiteto paisagista; os dois anos com Burle Marx permitiram-no aprender “o ofício de paisagista, por pensamentos, palavras e obras”.

Anos mais tarde, na década de 1970, Chacel associou-se a Luiz Emygdio na empresa “A Paisagem”. A partir deste período inicia-se uma mudança de paradigma em sua metodologia, evoluindo do “jardinismo” para uma visão mais voltada para o meio ambiente. O trabalho desenvolvido na barragem de Paraibuna, em São Paulo, foi sua primeira experiência de recuperação de uma área degradada e de restauração paisagística. Neste trabalho, foi decisiva a colaboração do geógrafo Aziz Ab'Sáber, cujos conhecimentos ampliaram seu entendimento da complexidade do meio ambiente. Em Paraibuna a equipe realizou um trabalho interdisciplinar, com profissionais do setor ambiental, agrônomos e engenheiros florestais. Era o embrião para a sistematização da metodologia que Chacel passaria a adotar em seus projetos paisagísticos.

³ LANA, 1998; PORTO, 2005.

⁴ CHACEL, 2000.

⁵ BURLE MARX et al, 1949.

Utilizando o conceito da ecogênese, Chacel realiza projetos de restauração paisagística em diversos Estados.

Chacel observa que o Rio é uma cidade privilegiada pelo relevo acentuado, o que proporciona paisagens magníficas aos olhos humanos; as montanhas naturalmente se constituem em empecilhos à destruição maior do que a já existente, visto que a ocupação de morros e encostas apresenta um número maior de dificuldades do que a construção em áreas mais planas. A esse respeito, Ab'Sáber⁶ afirma que "o domínio dos 'mares de morros' tem mostrado ser o meio físico, ecológico e paisagístico mais complexo e difícil do país em relação às ações antrópicas".

A força das leis ambientais representa fator determinante na adoção de projetos de recuperação ecogenética por parte dos grandes empreendimentos imobiliários, que se vêem obrigados a apresentar estudos e relatórios de impacto ambiental, seguidos da implantação de projetos de paisagismo como medida compensatória aos impactos sofridos pelo meio ambiente. Em 31 de agosto de 1981 foi implementada a lei nº 6938, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, cujo objetivo é "a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida", visando à "compatibilização do desenvolvimento econômico-social com a preservação da qualidade do meio ambiente e do equilíbrio ecológico". Esta é a mais importante lei ambiental do país, que obriga o empreendedor a reparar os danos causados ao meio ambiente. Esta lei impôs a obrigatoriedade dos estudos e relatórios de impacto ambiental (EIA/RIMA) e criou o SISNAMA (Sistema Nacional do Meio Ambiente), órgão que arrecimenta diversas esferas de atuação, desde o nível municipal ao federal.

Chacel afirma que a pressão da lei é fundamental nesse processo de recomposição paisagística: "com isto, surgiu uma nova maneira de entender o projeto paisagístico em um determinado empreendimento, não se limitando apenas a uma suposta satisfação estética ou a uma idéia simplificada de conforto climático. Nos últimos anos tenho atuado na restauração e na recuperação de ecossistemas, isto é: com um embasamento ecológico em nossos projetos paisagísticos". Para Chacel, os trabalhos que têm maior relevância emocional são aqueles relacionados à questão ambiental.

Atualmente, Fernando Chacel coordena dois escritórios, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro, da sociedade que mantém com o arquiteto Sidney Linhares, a empresa CAP (Consultoria Ambiental Paisagística). Apesar de desenvolver projetos para vários Estados do Brasil, a maioria de seus clientes concentra-se no Rio, sobretudo pelos projetos da Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio de Janeiro, que por sua vez acabam engendrando outras intervenções que também precisam responder a questões legais.

⁶ AB'SÁBER, 2003.

ESTUDO DE CASO: TRÊS PARQUES NO RIO DE JANEIRO

Diante da grande produção paisagística de Chacel, é necessário optar por um modelo de atuação projetual para aprofundarmos nossa análise do processo de restauração paisagística. Desta forma, concentramo-nos nos projetos de três parques urbanos no Rio de Janeiro, cidade inserida em uma região geográfica cujo ecossistema se compõe basicamente de manguezais, restingas e matas.

Na realidade, não existe linha divisória separando os ecossistemas, estes são alguns dos aspectos paisagísticos do mosaico do ecossistema vegetal atlântico. O manguezal, típico de zonas tropicais, ocorre em regiões abrigadas como baías, lagoas e estuários, sujeitos ao fluxo e refluxo das marés. Ambientes de transição entre o meio aquático e o terrestre, este ecossistema é um dos mais produtivos da Terra; ali se encontram representantes de todos os níveis da cadeia alimentar. Sua flora é bastante simplificada, e se compõe, basicamente, de três gêneros: *Avicennia* (mangue preto), *Laguncularia* (mangue branco) e *Rhizophora* (mangue vermelho). Ao contrário da baixa biodiversidade de espécies vegetais, o manguezal é rico em espécies da fauna. Devido à calmaria de suas águas e à abundância de alimentos, é local de reprodução e refúgio de crustáceos, moluscos e peixes, e também de animais terrestres e aves⁷.

Já a restinga compõe-se de vegetações de pós-mangue e se encontra em faixas de areia depositadas paralelamente ao litoral em consequência da dinâmica das marés e dos ventos. De acordo com a resolução 07 de 23 de julho 1996 do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente), "entende-se por vegetação de restinga o conjunto das comunidades vegetais, fisionomicamente distintas, sob influência marinha e fluvio-marinha. Estas comunidades, distribuídas em mosaico, ocorrem em áreas de grande diversidade ecológica sendo consideradas comunidades edáficas por dependerem mais da natureza do solo que do clima".

No Brasil, as restingas são encontradas ao longo do litoral, desde a costa leste do Pará até a costa do Rio Grande do Sul, apresentando diversidade vegetal riquíssima, com exemplares de alto valor ornamental. Segundo Luiz Emygdio⁸, a restinga "é um caos vegetal extremamente rico e diversificado, reunindo árvores, arbustos, subarbustos, trepadeiras, um rico estrato herbáceo, epífitas, grandes comunidades de bromeliáceas, de cactáceas, de aráceas e de orquídeas".

As matas do Rio de Janeiro fazem parte do grupo de florestas ombrófilas e apresentam rica biodiversidade, com alta ocorrência de espécies endêmicas, pois estas se desenvolvem sob condições bastante peculiares dos microclimas onde vivem. As maiores arbóreas podem chegar de 25 a 30 metros de altura, formando, sob seu dossel, sub-bosques adaptados à baixa luminosidade, com espécies de cor verde-escura, como as *Piperaceae* ou apresentam lâminas foliares como a maranta ou as helicônias⁹.

⁷ MANGUEZAIS DO RIO DE JANEIRO, 2000.

⁸ CARVALHO HOSKEN, 1992.

⁹ ATLAS DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 2001.



1.

Fotografia aérea de parte da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Em destaque as áreas dos três parques de Chacel que serão nosso objeto de estudo.

Fonte: Atlas das Unidades de Conservação da Natureza do Estado do Rio de Janeiro, 2001, p.15.



2.

Planta de 1938, da antiga Fazenda da Restinga (atual Barra da Tijuca). Em destaque, a área da Gleba E e do Parque Mello Barreto.

Fonte: Carvalho Hosken, 1992.

Os três parques escolhidos para este estudo inserem-se nestes ecossistemas. Dois deles situam-se na Planície Costeira de Jacarepaguá, região de manguezais e restingas: o Parque da Gleba E e o Parque de Educação Ambiental Professor Mello Barreto, ambos às margens da Lagoa da Tijuca (figuras 1 e 2). Estes dois parques, apesar de serem vizinhos e terem propostas de intervenção ecogenética, apresentam situações de implantação bastante diferenciadas entre si. O terceiro objeto de análise é o projeto para o Parque Municipal Sérgio Bernardes, no Penhasco Dois Irmãos, entre o bairro do Leblon e a favela do Vidigal, cuja vegetação original há muito se perdeu, e apresenta uma situação geográfica e projetual distinta dos outros dois parques. Este último passou por um processo de reflorestamento um pouco diferente da ecogênese, e foi escolhido para que pudéssemos trazer à tona outras discussões acerca da importância do paisagismo em áreas verdes livres de uso público, permitindo-nos estabelecer um paralelo por meio da investigação das diferenças de implantação e uso.

PARQUE DA GLEBA E

O primeiro estudo de caso é o Parque da Gleba E, na Barra da Tijuca, datado de 1985. Este foi o primeiro projeto de Chacel a incorporar o conceito de ecogênese.

A área é uma península lagunar que, no início da década de 1980, encontrava-se desertificada por ação antrópica: restavam apenas alguns trechos isolados de manguezal e a vegetação de restinga era inexistente (figura 3).

O projeto de restauração ecológica desta área foi uma proposta pioneira, tendo como base conceitual a convivência entre natureza e espaço construído, visando a melhoria da qualidade de

vida e valorização econômica da região. O empreendimento imobiliário financiado pela construtora Carvalho Hosken S.A., projeto para conjunto residencial multifamiliar com área total de 900.000 m², cerca de oitenta edifícios, numa configuração onde a área edificada seria menor que a área livre, compreendia ruas, passeios e áreas verdes. O projeto deveria ter espaços livres para recreação e circulação, assim como áreas de preservação. Assim, criaram-se situações paisagísticas integradas e conjugadas, onde haveria um parque de uso extensivo e também de cunho ecológico.



3.

Vista aérea da Gleba E antes do início do processo de ecogênese. O ecossistema encontrava-se destruído, restando apenas poucos trechos isolados de manguezal às margens da Lagoa da Tijuca.

Fonte: Chacel, 2001, p. 51.

Este parque, em todo o conjunto, seria dotado de um *continuum* paisagístico que atenderia a qualidades estéticas e de conforto climático, bem como a recuperação do ecossistema. Era necessária a instauração de uma nova paisagem cultural, ou seja, um novo ecossistema semelhante ao original.

Realizou-se o inventário florístico do local, possibilitando criar um programa de ação que estabelecia duas diretrizes: a preservação e restauração do manguezal e o replantio de espécies de restinga nos solos mais elevados, não sujeitos à ação das marés. Estas seriam as bases para o projeto da paisagem, no sentido de restabelecer uma cobertura vegetal conectada com a região, o solo e o clima, e que assegurasse a salvaguarda da fauna residual.

A conceituação do projeto estabeleceu três modelos de intervenção na paisagem: mangue, restinga e parque. Criaram-se áreas de proteção marginal à lagoa e dois parques de quarenta mil metros quadrados cada um, além da área verde que circunda toda a área a ser edificada.

O modelo mangue foi, basicamente, a recuperação do manguezal. Esta regeneração foi um processo que obteve sucesso rápido, pois foram utilizadas mudas do próprio local, e estas espécies têm um grande poder de regeneração. Assim, os manguezais foram restaurados e ampliados, ocupando toda a margem da lagoa onde havia a influência direta do fluxo e refluxo das águas.

O modelo restinga foi recriado através do processo de ecogênese, pois que estava extinto no local; foram plantados elementos e associações vegetais de restinga estabelecendo-se as áreas de transição com o modelo mangue. Esta área foi concebida como um grande jardim natural com amostras de espécies deste ecossistema, como bromélias e cactáceas. Chacel explica: "esse jardim natural, além de seu valor estético, de proteção e manutenção dos elementos das paisagens arenosas de restinga, constitui-se, também, em uma espécie de zona tampão de proteção ao manguezal, cuja área é vedada à penetração"¹⁰.



4.

Corte da implantação do parque da Gleba E. Da direita para a esquerda, vemos as distintas áreas do projeto: o manguezal na cota mais baixa, margeando a lagoa; a restinga, o parque de transição paisagística e a área urbanizada com jardins sobre lajes.

Fonte: DOURADO, 1997.



5.

Planta baixa da implantação, onde se vê a faixa de manguezal à margem da lagoa, a área de parque com a trilha ecológica e caminhos de acesso à área urbanizada.

Fonte: DOURADO, 1997.

O modelo parque enquadraria a área de transição paisagística, e aqui a intenção do paisagista era criar uma "arborização provida de floração rica, alternada e colorida, permeada de palmeiras estabelecidas sobre áreas gramadas e relvadas". Chacel concebeu este setor como "um espaço aberto e colorido" emoldurando as áreas de caminhar e estar. Haveria rica arborização, com espécies frutíferas e sombreamento alternado com clareiras que permitissem visuais abertos e iluminados. As espécies de pós-mangue seriam as mais utilizadas no modelo parque, criando nexos entre os mosaicos florísticos de manguezal, jardins de restinga e praças ao lado das faixas de proteção do mangue. Este conjunto constituído por manguezais, associações de pós-mangue,

¹⁰ CHACEL, 2001.

restinga e o mosaico de transição paisagística do modelo parque estariam em sintonia formal com as praças, deveria integrar-se com os jardins sobre lajes, quando da consolidação da estrutura edificada.

Segundo Chacel, o sucesso do empreendimento começou a se manifestar com a volta progressiva da fauna; aves, répteis e anfíbios de diversas espécies passaram a ser observados no novo ecossistema. Durante quase vinte anos a Gleba E passou por um processo de recuperação ecogenética, e somente a partir de 2002 foram iniciadas as construções dos edifícios residenciais.

O *marketing* imobiliário apropria-se do conceito de ecogênese para atrair sua clientela, ao passo que se consolida uma estrutura de edifícios incompatível com a proposta paisagística e ambiental original. A partir do momento em que se dá início à construção e habitação dos edifícios, o tão almejado equilíbrio do ecossistema se altera.

Da proposta original de Chacel, o que ainda se conserva é apenas a faixa marginal de proteção da lagoa, em respeito à lei que protege as áreas de mananciais. O paisagismo das áreas internas do condomínio foi completamente modificado, sem levar em consideração a adequação ao meio ambiente. Por trás destas modificações emergem interesses que passam longe da preocupação com o meio ambiente, visando apenas o mercado imobiliário sem o cuidado de ter alguma coerência, ou mesmo preocupação estética, com o partido adotado inicialmente. Devido às longas batalhas judiciais por que passou esta área, hoje ela é comercialmente apresentada como “Parque da Península” e encontra-se em franca expansão imobiliária.

PARQUE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROFESSOR MELLO BARRETO

O segundo objeto de estudo é o Parque de Educação Ambiental Professor Mello Barreto, situado em área adjacente à Gleba E, dando continuidade espacial e metodológica ao processo de restauração paisagística iniciado às margens da Lagoa da Tijuca. No caso deste parque, trata-se de área pública protegida por lei como parte integrante da Faixa Marginal da Lagoa da Tijuca. É impossível se falar no Parque Mello Barreto sem mencionar o Parque da Gleba E, pois além do fato de serem áreas contíguas, seu processo de implantação se deu em continuidade conceitual e metodológica ao processo iniciado anteriormente.

Originalmente coberta por vegetação de manguezal, a área sofreu uma série de invasões sem que houvesse controle por parte do poder público. Por meio de levantamento aerofotogramétrico realizado em 1992 (figura 6), pelo IPLAN-Rio, constatou-se que a área se encontrava em situação de degradação quase completa do ecossistema, com ocupações edilícias irregulares e sucessivos aterramentos. Ocupações estas que, de início, se compunham apenas por casas de baixa renda e, aos poucos, foram recebendo habitações mais sofisticadas.

Alegando que se tratava de apropriações indevidas sobre área pública, a construtora Carvalho Hosken, juntamente com a ACIBARRA (Associação Comercial e Industrial da Barra da Tijuca), apresentaram uma proposta irrecusável à prefeitura do Rio: as ocupações irregulares seriam removidas do local e as famílias seriam transferidas para área próxima; assim a recuperação ambiental asseguraria a manutenção dos atributos paisagísticos do caminho de acesso ao Parque da Península. A implantação dessa continuidade no processo de recomposição ecológica iniciada na Gleba E vem em boa hora como pretexto para encobrir uma outra realidade: não era interessante ao poder imobiliário que o acesso ao condomínio “de luxo” fosse margeado por uma favela. Esta situação “espantaria” os clientes, o que desvalorizaria o empreendimento.

Assim, em 1994, foi criado o Parque Mello Barreto, e foi o segundo projeto idealizado com base na ecogênese, tendo sido implantado no ano seguinte (figura 7).



6.
Foto aérea em 1992.
Ocupações irregulares e aterros, com destruição quase total dos manguezais.
Fonte: Chacel, 2001, p.69.



7.
Planta de implantação do projeto para o Parque Mello Barreto, parque linear à margem da Lagoa da Tijuca.
Fonte Chacel, 2001, p.71.



8.
Vista dos manguezais do Parque Mello Barreto, às margens da Lagoa da Tijuca. Ao fundo os edifícios da Gleba E.
Foto da autora, 2006.

Estabeleceram-se as diretrizes: recuperar o manguezal, introduzir a vegetação de restinga, fazer um jardim de bromélias e introduzir elementos da mata atlântica de forma abrangente, ou seja, não se restringindo apenas às espécies do ecossistema específico da Barra da Tijuca, mas também provenientes de outras regiões de restinga e mata atlântica, no intuito de dar ênfase à vegetação típica de flora litorânea.

Aqui, a situação era mais complexa e delicada do que o projeto anterior, na Gleba E¹¹, pois seria necessário demolir as construções e remanejar o solo aterrado. Após as demolições e retirada dos entulhos, a primeira intervenção foram os movimentos de terra, pois os sucessivos aterramentos com tipos de solo diferentes do original haviam alterado o *habitat* das espécies vegetais próprias de mangue; desta forma, o solo foi remanejado para facilitar a adaptação das espécies a serem plantadas. Todo o entulho das construções foi retirado e escavou-se o terreno até se chegar aos solos hidromórficos, necessários ao desenvolvimento do manguezal. Há um talude que faz o desnível entre o manguezal e a área do parque, criando uma conexão paisagística entre o modelo manguezal e o parque. Para a contenção do solo, foram plantados a salsa-da-praia (*Ipomea pes-caprae*) e o guriri (*Allagoptera arenaria*). As árvores exóticas foram os únicos elementos de intervenção antrópica mantidos no parque. Como muitas delas eram frutíferas, Chacel teve a idéia de criar um jardim de espécies frutíferas autóctones, como a pitanga, o cajueiro e a grumixama. A fruta pão é uma exótica aclimatada no litoral brasileiro que também faz parte do elenco arbóreo.

No projeto inicial havia duas áreas de estacionamento com cinquenta vagas, mas foram vetadas pela Secretaria do Meio Ambiente. Havia, também, um sistema de ciclovias cuja idéia era se estender ao longo do parque linear às margens de toda a Lagoa, que não foi executada; a única construção à época da execução do parque é um teatro de arena.

Após doze anos de sua implantação, Chacel nota que o Parque Mello Barreto apresenta uma boa massa vegetal (figura 8), situação que cria uma zona de amortecimento protegendo o manguezal. Chacel afirma: "todas estas idéias de ecogênese e recuperação da vegetação não são minhas. Há mais de cinquenta anos, o pessoal do Museu Nacional queria fazer coisas como esta. Nos anos 1940, Burle Marx fez um trabalho nesta linha, mas como não havia uma lei, jamais pôde fazê-lo. A mim, coube a tarefa de colocar o bloco na rua".

Estas duas iniciativas – o Parque da Gleba E e o Parque Mello Barreto – correspondem a uma seqüência de parques prevista no Plano de Lúcio Costa para a Baixada de Jacarepaguá, onde as margens da lagoa deveriam ser mantidas como área de conservação ambiental. Chacel deixou sua contribuição em vários outros projetos, nesta região, seguindo a metodologia da ecogênese, e afirma que: "muito já se fez, mas muito ainda há para ser feito".

¹¹ CHACEL, 2001.

PARQUE MUNICIPAL SÉRGIO BERNARDES – PENHASCO DOIS IRMÃOS

O terceiro e último projeto analisado é o Parque Municipal Sérgio Bernardes, no Penhasco Dois Irmãos, localizado entre o bairro do Leblon e a favela do Vidigal. Esta é uma área que, em 1973, foi incluída no Livro do Tombo do IPHAN, tendo sido também tombada a 13 de junho de 1994 pelo Conselho Estadual de Tombamento.



9.

O Penhasco Dois Irmãos visto das areias da praia de Ipanema.
Fonte: Fundação Parques e Jardins.

Este é um dos morros mais importantes e majestosos da cidade do Rio de Janeiro (figura 9), medindo aproximadamente 530 metros de altura. O maciço constitui-se principalmente de gnaisse, apresentando trechos em granito. Na cota de 35 metros acima do nível do mar, a avenida Niemeyer circunda o morro em uma extensão de 4700 metros, estabelecendo ligação entre as praias do Leblon e de São Conrado¹².

Grande parte do penhasco era propriedade particular até o início da década de 1990, e por pouco não se tornou alvo de especulação imobiliária. O antigo proprietário havia encomendado um projeto para construção de complexo hoteleiro, o que causaria grande impacto na paisagem de um dos maiores monumentos naturais da cidade do Rio de Janeiro. Fato este que, felizmente, não ocorreu devido à mobilização de moradores e à ação do governo municipal.

A instauração do parque público municipal tornou-se viável após as negociações entre a prefeitura e o proprietário do terreno, que duraram seis anos. Com o objetivo de preservar o patrimônio natural, além do impedimento da construção de edifícios no local, uma pequena favela que começava a se formar foi remanejada em ação da Secretaria Municipal de Habitação. Há uma outra favela, denominada Chácara do Céu, que permanece em área contígua, e os

¹² DUNLOP, 1958.

moradores utilizam o parque como o único acesso às suas casas. Isso faz com que o parque seja bastante utilizado pela comunidade que ali reside, despertando a consciência de preservação do espaço como bem público, para usufruto de todos.

Antes desta intervenção, a área encontrava-se praticamente tomada pelo capim-colonião (*panicum maximum*), espécie gramínea trazida da África, invasora que se torna predominante em áreas desmatadas e prejudica o desenvolvimento da flora nativa. Para recuperar a vegetação autóctone, era necessário um plano de replantio: Chacel elaborou um projeto de reflorestamento visando recuperar a área de mata atlântica e restinga que outrora existira no local.

Entre as espécies nativas transplantadas encontram-se helicônias, jequitibás, palmeiras, filodendros e bromélias; trabalho este que foi realizado pelos próprios moradores do local, dentro do Projeto “Mutirão Reflorestamento” promovido pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

O projeto de paisagismo para o Parque do Morro Dois Irmãos foi delineado por Chacel com base em detalhadas observações da topografia. Com extrema sensibilidade para as nuances do relevo, ele define os ambientes em níveis, tirando partido das deslumbrantes vistas que se descortinam em cada patamar¹³.



Proposta conceitual para o Parque Municipal do Penhasco Dois Irmãos.
Fonte: CAP Consultoria Ambiental Paisagística.

Neste projeto Chacel valeu-se de um método similar ao de McHarg¹⁴, por meio da superposição de plantas. O mapa com as declividades e drenagem superficial foi justaposto ao mapeamento da cobertura vegetal e intervenções humanas, o que gerou uma terceira planta onde se delineiam todos os elementos componentes da paisagem. A partir desta planta (figura 10),

¹³ NOBRE, 2000.

¹⁴ McHARG, 1969.

Chacel elaborou sua conceituação inicial, onde setoriza usos e funções do parque, estabelece os limites do parque e da comunidade, posiciona os equipamentos, define acessos de veículos e pedestres e demarca as áreas de preservação e conservação da área verde. A implantação do complexo do parque consiste de equipamentos como mirantes e *decks* de madeira, teatro de arena para cinquenta pessoas, quadra polivalente, centros de convivência com área de recreação e horta comunitária. Para Chacel, este parque apresenta "características especiais de revelador de paisagens inéditas e de grande impacto visual".

Durante a construção do parque, a Associação de Moradores do Leblon não via com bons olhos a sua implantação, temendo que a abertura de um parque público no local pudesse afetar a tranquilidade dos moradores e a preservação do ambiente natural. Mais tarde, Chacel ponderou: "todas essas questões desfizeram-se diante da evidência da qualidade do projeto, que prima pela prudência em relação ao entorno e pelo respeito pelo ambiente natural. O cuidado com a preservação do espetáculo da paisagem, mediante a minimização do impacto ambiental, norteia, de fato, o projeto como um todo".

A intenção é que o parque seja administrado sob o modelo de gestão participativa, no qual o funcionamento do parque deve ser gerenciado pelos órgãos do governo municipal, a Secretaria de Meio Ambiente e a Fundação Parques e Jardins, em conjunto com a participação das Associações de Moradores da vizinhança.

O Parque Municipal do Penhasco Dois Irmãos tornou-se viável, em grande parte, graças à ação consciente da cidadania, onde os moradores do local – incluindo-se os moradores dos condomínios de classe média da zona sul e os moradores da favela Chácara do Céu – se reuniram em busca do interesse comum, que era a preservação da paisagem como patrimônio cultural.



11.

Vista panorâmica do parque: em primeiro plano, área de estar com esculturas de Oscar Niemeyer e, ao fundo, a praia e o bairro de Ipanema.

Foto da autora, 2006.

De acordo com Carr¹⁵, os bons projetos para espaços públicos devem ter o potencial para chamar a atenção da cidade e afirmar a sua imagem; para o autor, “a relação do espaço público com a vida pública é dinâmica e recíproca, o que significa que novas formas de vida pública requerem novos espaços públicos. Cada espaço público que é criado na cidade afeta diretamente a cultura pública”. O que pode ser comprovado neste caso, onde a ação popular teve papel decisivo no rumo das negociações entre esfera pública e poder privado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise destes três projetos de Chacel podemos notar que nos três casos apresentam-se diferenças entre a proposta inicial e a situação atual; por outro lado, é inegável a qualidade de recuperação da massa vegetal e da biodiversidade.

No Parque da Gleba E manteve-se a faixa de proteção dos manguezais e grande parte da vegetação de restinga; no entanto, houve drásticas alterações nos ambientes e praças do interior do empreendimento, região de urbanização mais intensa, onde permaneceu o traçado original de Chacel porém todo o partido ecogenético perdeu espaço para uma paisagem neoclássica, onde foram utilizados equipamentos e funções sem integração com o meio ambiente.

O Parque Mello Barreto é o que maiores semelhanças apresenta em relação ao projeto de Chacel. Mas aqui a dificuldade de acesso ao local faz com que o parque fique sub-utilizado; não há parada de ônibus próximo ao local, nem acesso a ciclistas por meio de ciclovias, ou estacionamento de veículos, fato que compromete a apropriação e uso por parte da população.

O Parque Municipal do Penhasco Dois Irmãos apresentou alterações de projeto durante seu processo de implantação, trabalho que foi desenvolvido pela equipe da Fundação Parques e Jardins sob a coordenação de Chacel; aqui o processo de reflorestamento foi realizado de maneira diferenciada da ecogênese, em um processo de plantio mais tradicional.

Estes três parques inserem-se entre iniciativas de alterações de paisagens degradadas em solo urbano, em uma época que a conscientização ambiental atinge todas as camadas da população, visto que a defesa do meio ambiente é interesse de todos.

A tendência atual do projeto de espaço público consiste em aliar-se o tratamento da paisagem ao planejamento dos espaços livres, constituindo um sistema integral de recursos naturais, com preocupação ecológica e desempenhando também um importante papel cívico. Segundo Scalise¹⁶, “para o estabelecimento desse elo, junto com o projeto de arquitetura e de espaços livres, é necessária a experimentação social, num trabalho coletivo, a serviço do interesse comum, no sentido de materializar o direito à cidade, criando oportunidade de comprometimento

¹⁵ CARR et al, 1993.

¹⁶ SCALISE, 2002.

com as necessidades da população, capaz de promover e canalizar novas formas de relações sociais, incluindo as minorias e as relações transculturais, de mudança de mentalidades”.

Burle Marx dizia que o verdadeiro progresso deveria proporcionar cada vez maior bem-estar à população, mas o que temos é a diminuição gradativa dos padrões de conforto. Fato que, em grande parte, se deve à perda da qualidade ambiental no meio urbano.

Neste sentido, observamos que Chacel faz o caminho contrário a essa perda; ou seja, ele trabalha em busca da melhoria na qualidade ambiental urbana. Seus anos de experiência se somam à ousadia em propor soluções ambiental e paisagisticamente satisfatórias; mais que isso, com resultados muitas vezes surpreendentes.

Assim como Burle Marx, Chacel preocupa-se menos em reconhecer e admirar a exuberância da flora brasileira, do que em defendê-la da destruição. O paisagista atua em um processo de cicatrização e atenuação da violência e agressão ao meio ambiente, aliando assim a vontade do homem ao dinamismo da natureza.

Chacel demonstra grande satisfação ao constatar que seus trabalhos de recuperação da paisagem, de natureza ecogenética, são bem aceitos pela comunidade científica e pelos órgãos ambientais.

Esperamos que estas paisagens recompostas possam ser o modelo de intervenções paisagísticas futuras, e passem a ser um modelo tradicional em algumas gerações. E que estas futuras gerações possam compreender que, melhor que recompor uma paisagem, reconstruindo um ecossistema, é mantê-lo em seu estado primevo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os Domínios de Natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ABREU, Maurício de A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

Atlas das Unidades de Conservação da Natureza do Estado do Rio de Janeiro. São Paulo: Metalivros, 2001.

BURLE MARX, Roberto; MELLO BARRETO, Henrique Lahmeyer de; CARVALHO, José Cândido de Mello. Grupo Biológico das Lagoas Litorâneas. In: Revista Municipal de Engenharia. Distrito Federal: Prefeitura, Jan.-Mar./1949. Vol XVI, nº14, p.14. Disponível em: <http://obras.rio.rj.gov.br/rmen/eletronica_burle/eletronica_html/9.htm> Acesso em 19 Jul. 2007.

CAMPOS CURADO, Mirian M. de. **Paisagismo Contemporâneo**: Fernando Chacel e o Conceito de Ecogênese. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. 117 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-

Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO HOSKEN S.A. Engenharia e Construções. **Parque da Gleba E**. Rio de Janeiro: A Entidade, 1992.

CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN, Leanne G. & STONE, Andrew M. **Public Space**. New York: Cambridge University Press, pp. 343-368.

CERQUEIRA, R. Biogeografia das Restingas. In: ESTEVES, F. A. e LACERDA, L. D. (eds.) **Ecologia de Restingas e Lagoas Costeiras**. Rio de Janeiro: Macaé: NUPEM/ UFRJ, 2000.

CHACEL, Fernando M. A Paisagem em que vivemos. In: Revista Problemas Brasileiros nº 339 Mai/Jun. 2000. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=81&breadcrumb=1&Artigo_ID=824&IDCategoria=997&reftype=1> Acesso em 04 Dez. 2006.

_____. Entrevista. São Paulo: 2005. Projeto Design, São Paulo, nº305, jun. 2005. Entrevista concedida a Evelise Grunow e Fernando Serapião.

_____. Fernando Chacel e a consciência ecológica e ambiental. Rio de Janeiro, 2004. Entrevista concedida a Antônio Agenor de Melo Barbosa. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/entrevista/chacel/chacel_7.asp> Acesso em: 12 dez. 2004.

_____. **Paisagismo e Ecogênese**. Rio de Janeiro: Fraiha, 2001.

COSTA, Lúcia Maria S. A. Parques Públicos Contemporâneos no Rio de Janeiro: a contribuição de Fernando Chacel. In: SCHICCHI, Maria Cristina et al. **Urbanismo: Dossiê São Paulo – Rio de Janeiro**. 1 ed. Campinas: PUC-CAMPINAS/PROURB, 2003. pp.275-285.

COSTA, Lúcio. **Plano-Pilôto para a Urbanização da Baixada Compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá**. Rio de Janeiro: Estado da Guanabara, 1969.

DOURADO, Guilherme Mazza e equipe (org.) **Visões de Paisagem: um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil**. São Paulo: ABAP, 1997.

DUNLOP, Charles J. **Rio Antigo**. 1º vol. 2 ed. Livraria Rio Antigo: Rio de Janeiro , 1958.

LANA, Ricardo. Arquitetos do Jardim: Roberto Burle Marx e Henrique Lahmeyer de Mello Barreto. In: SOUZA, Eneida Maria de. **Modernidades Tardias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

LEENHARDT, Jacques (org.). **Nos Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

McHARG, Ian L. **Design with Nature**. Garden City, N.Y.: Natural History Press, 1969.

NOBRE, Ana Luiza. Um Parque sobre o Mar. Portal Vitruvius, 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/ac/ac001/ac001_1.asp> Acesso em 12 jul. 2007.

PORTO, Daniele R. **O Barreiro de Araxá**: projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais. São Carlos: USP, 2005. 325 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2005.

RIO DE JANEIRO (RJ). Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Manguezais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: a Secretaria, 2000.

SANTOS, Junius F. S. Restauração Ecológica associada ao Social no Contexto Urbano: o projeto Mutirão Reflorestamento. In: KAGEYAMA, Paulo Y. et al. **Restauração Ecológica de Ecossistemas Naturais**. Botucatu: FEPAF, 2003. pp. 239-263.

SCALISE, Walnyce. Parques Urbanos – Evolução, Projeto, Funções e Usos. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v.4, nº1, p.17-24, 2002. Disponível em: <http://www.unimar.br/fea/assent_humano4/parques.htm> Acesso em 20 Nov. 2004.

SEGAWA, Hugo. **Ao Amor do Público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1996.

TABACOW, José (org.). **Roberto Burle Marx**: Arte e Paisagem (conferências escolhidas). – 2 ed. rev. e ampl. – São Paulo: Studio Nobel, 2004.

TERRA, Carlos G. **O Jardim no Brasil no Século XIX**: Glaziou revisitado. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1996.